OLGA

FAQ Racismo

MANDA PRINTS

Nos últimos anos, o índice de assassinatos de mulheres brancas caiu quase 10%, enquanto o de mulheres negras aumentou 54%, segundo o Mapa da Violência. No sistema público de saúde, quase 66% das vítimas de violência obstétrica são negras (Fiocruz) e elas morrem mais por negligência médica. O IBGE aponta que 75% das pessoas mais pobres do País são negras. E ainda assim muita gente insiste em dizer que não existe racismo no Brasil.

A Think Olga sabe que, para transformar a sociedade, não há arma mais poderosa que a educação. Por isso, criamos este FAQ (Perguntas Frequentes) sobre racismo, com o objetivo de trazer informação sobre um crime que é um dos maiores problemas sociais do Brasil e que afeta de forma mais violenta as mulheres.

O material traz um importante recorte de gênero, uma vez que as mulheres negras sofrem dupla opressão (gênero e raça), e aborda com detalhes o racismo online, cenário em que vemos a promoção de discurso de ódio e de escalada de violência racial.

Este FAQ é parte da nossa campanha #MandaPrints, criada em 2015, para combater a violência de gênero na Internet. Com ele em mãos, é possível mudarmos nossas atitudes, conhecermos nossos direitos e contribuirmos para a diminuição do problema.

RACISMO

O que é racismo?

No dicionário, racismo é definido como um comportamento hostil dirigido às pessoas ou aos grupos sociais que pertencem a outras raças e/ou etnias. É, ainda, uma reunião dos conceitos que afirma existir uma hierarquia entre etnias e/ou raças. De modo mais amplo, racismo tem a ver com poder e privilégios. Ele se manifesta quando as pessoas agem em relação a outras pessoas tendo por base a ideia de que uma raça é inerentemente superior à outra.

Isso, claro, não surgiu do nada. No Brasil, o racismo está intimamente relacionado ao processo de escravidão e às suas consequências que resultaram em um sistema de opressão no qual um grupo detém poder, privilégios, e nega estes mesmos direitos a outros. Este processo deu origem a uma pirâmide social na qual o homem branco está no topo, seguido pela mulher branca, o homem negro e, por último, a mulher negra. E é essa estrutura que perpetua o racismo.

BASTA FAZER O CHAMADO "TESTE DO PESCOÇO" E OLHAR AO REDOR PARA VER QUE, APESAR DE NEGROS CONSTITUÍREM A MAIORIA DA POPULAÇÃO — 54% DOS BRASILEIROS SE AUTODECLARA PRETO OU PARDO —, SUA PRESENÇA É MINORIA NOS ESPAÇOS DE PRIVILÉGIO E PODER, COMO UNIVERSIDADES, RESTAURANTES E ATÉ MESMO O SEU LOCAL DE TRABALHO.

O que é racismo estrutural?

Quando falamos em racismo, logo pensamos em ataques a pessoas negras, mas ele não está apenas no xingamento. A ofensa é apenas uma das suas facetas. O racismo está, principalmente, na normalização de comportamentos racistas, constituindo todas as nossas relações sociais, fazendo parte da vida cotidiana.

"Neste país, as pessoas têm essa ideia de que racismo é humilhar o outro, ofender o outro. Por aqui, não se entende que racismo é bem mais, que é um sistema de opressão que nega direitos à população negra. E é esse debate, do racismo como sistema, que falta para avançarmos", disse a filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro, em entrevista ao Portal UOL.

Na prática, isso significa que o racismo está presente no nosso cotidiano e muitas vezes de maneiras quase imperceptíveis, como quando não encontramos pessoas negras em grupos de elite, ao ver uma mídia quase 100% branca em um país de maioria negra, na demonização das religiões de matriz africana, quando automaticamente um homem negro se torna sinônimo de perigo ou sempre que se "confunde" uma mulher negra com uma empregada doméstica.

É POR ISSO QUE É IMPOSSÍVEL FALAR DE ECONOMIA, POLÍTICA, SEGURANÇA OU DE CIÊNCIA, POR EXEMPLO, SEM FALAR SOBRE RACISMO. ELE ESTÁ, DE FATO, EM TODO LUGAR E SUSTENTA A ESTRUTURA DA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS.

Por que o racismo é um problema?

O racismo adoece, mata, desumaniza. Um estudo da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, liderado pela socióloga Trenett Clark, afirma que a discriminação explícita é uma fonte frequente de problemas de saúde, em sua maioria psicológicos, como depressão, ansiedade e baixa autoestima, ou de dependência de drogas. Outro estudo, publicado no Jornal da Associação Americana de Saúde Pública, mostra que a discriminação racial está ligada a taxas elevadas de hipertensão.

No Brasil, o quadro se repete e já começa no atendimento nos serviços públicos. De acordo com números da Pesquisa Nacional de Saúde, 70% das pessoas que dependem do SUS são negras e 23,3% saem das unidades hospitalares com relatos de que sofreram racismo. A dificuldade no acesso aos melhores tratamentos e a negligência no atendimento fazem, inclusive, com que elas morram mais cedo.

Essas barreiras, no entanto, se manifestam em todos os espaços. Do precário acesso aos direitos sociais básicos (educação, saúde, habitação), passando pelos postos de trabalhos escassos e que requerem pouca qualificação -- 70% das empregadas domésticas, por exemplo, são negras e a maioria ainda sem carteira assinada --, aos homicídios que matam uma pessoa negra a cada 12 minutos no Brasil.

Racismo em números

A CHANCE DE UM NEGRO SER ANALFABETO É

CINCO VEZES MAIOR

QUE A DE UM BRANCO.

(IBGE)

63,7%

DOS DESEMPREGADOS NO BRASIL SÃO PRETOS OU PARDOS.

(IBGE)

SOMENTE

UMA A CADA QUATRO

PESSOAS COM ENSINO SUPERIOR NO BRASIL É NEGRA.

(IBGE)

PRETOS E PARDOS RECEBEM, EM MÉDIA, R$ 1.531 - QUASE A

METADE

DO RENDIMENTO MÉDIO DOS BRANCOS, QUE É DE R$ 2.757.

(IBGE)

MAIS DE

50%

DOS NEGROS NÃO TÊM ACESSO À INTERNET.

(IBGE)

OS NEGROS REPRESENTAM

61,6%

DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA BRASILEIRA.

(INFOPEN)

QUASE

40%

DOS NEGROS QUE VIVEM EM ÁREAS URBANAS NÃO POSSUEM ESGOTO ENCANADO.

(IBGE)

A CADA

23 MINUTOS

UMA PESSOA NEGRA É ASSASSINADA NO BRASIL.

(ONU)

Como o racismo afeta as mulheres negras?

QUANDO AFUNILAMOS ESSES DADOS A PARTIR DA VIVÊNCIA DA MULHER NEGRA, AS ESTATÍSTICAS SE TORNAM AINDA MAIS ALARMANTES. VÍTIMAS DE UMA DUPLA OPRESSÃO, MULHERES NEGRAS PRECISAM LUTAR NÃO SÓ CONTRA AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, MAS TAMBÉM CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL. E QUANDO O MACHISMO E O RACISMO SE CRUZAM E SE COMBINAM A VIOLÊNCIA É AINDA MAIOR.

Maioria entre a população feminina no Brasil, cerca de 55,6 milhões, elas viram o número de feminicídios aumentar 54% entre mulheres negras, enquanto o assassinato de mulheres brancas caiu 10%, entre 2004 e 2014.

No ambiente corporativo, elas recebem 58,2% da renda das mulheres brancas que realizam a mesma função e, as poucas que conseguem oportunidade, dificilmente chegam aos cargos de liderança. Nas maiores empresas brasileiras, elas ocupam apenas 0,4% das vagas.

Na área de saúde o quadro também é de violência: reforçado pela idéia equivocada de que mulheres negras são mais fortes e resistentes à dor, só metade recebe anestesia no parto. Não à toa, a taxa de mortalidade materna é duas vezes maior entre elas.

Somos todos racistas?

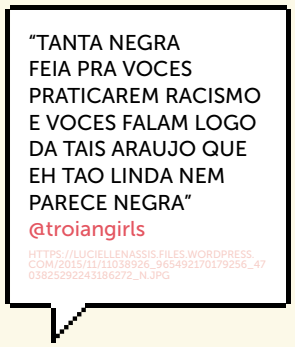
SIM, O RACISMO, POR SER ESTRUTURAL, CONSTITUI NÃO SÓ AS NOSSAS AÇÕES CONSCIENTES, COMO OFENDER OU IMPEDIR A ENTRADA DE UMA PESSOA NEGRA EM UM AMBIENTE, MAS TAMBÉM AS AÇÕES INCONSCIENTES.

E a ciência explica. Existe um fenômeno chamado viés inconsciente que acontece no hipocampo, uma região situada no fundo do cérebro. É lá que, ao longo da vida, vai se formando uma espécie de banco de dados que guarda todas as informações que recebemos – de memórias da infância e conversas com amigos a notícias que vemos na televisão. Isso se torna um conjunto de pré-conceitos, carregados de estereótipos e juízos de valor, que forma nossa visão das pessoas e do mundo. Esse fenômeno influencia o seu comportamento o tempo todo e faz com que você dissemine o racismo sem perceber. É o chamado racismo velado, uma das suas formas mais perversas porque o minimiza, trata como um mal-entendido ou "só uma opinião".

EXEMPLOS NÃO FALTAM:

“Que mulher negra bonita!”

Geralmente a frase ainda vem com um ar de surpresa. Pare para pensar: quando você vê uma mulher branca diz “que mulher branca bonita?”. Certamente não. Ao ressaltar o fato dela ser negra, você não está dizendo que ela é bonita. Você está dizendo que, para uma negra, ela é bonita, que é uma exceção. ISTO SÓ EVIDENCIA O QUANTO A ESTÉTICA NEGRA AINDA NÃO SE ENCAIXA NO QUE FOMOS CONDICIONADOS A ACHAR BONITO - pele branca, cabelo liso, nariz afilado e corpo magro. Afinal, é essa beleza que está nas novelas, nos desfiles de moda, nas capas de revistas. Para mudar essa perspectiva, é importante ter consciência de que o racismo tem papel decisivo na construção de padrões de beleza e do nosso gosto. Então, quer elogiar a beleza de uma mulher negra? Diga apenas que ela é linda.



HTTPS://LUCIELLENASSIS.FILES.WORDPRESS.COM/2015/11/11038926_965492170179256_4703825292243186272_N.JPG

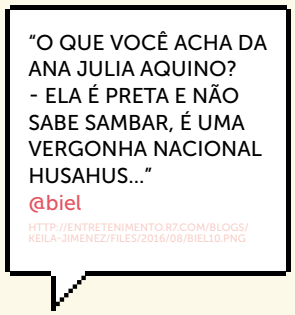
“Não sou racista, tenho até amigos negros.”

É O ARGUMENTO PREFERIDO DE QUEM TENTA SE DEFENDER DE ACUSAÇÕES RACISTAS. Mas ter amigos negros, ser casada com um negro ou ter o bisavô negro não isenta ninguém do racismo porque ele não é um problema individual, é estrutural e, sutilmente, faz parte do nosso dia a dia. Esse tipo de justificativa é característico do racismo no Brasil, onde, por muito tempo, se acreditou viver uma democracia racial: ele se manifesta de forma cordial, na tolerância em conviver com o negro, geralmente em espaços muito bem demarcados, mas se revela nos espaços privados ou se vale, por exemplo, do anonimato nas redes sociais para destilar seu ódio.

HTTP://I.HUFFPOST.COM/GEN/3868698/THUMBS/O-PRINT-TWITTER-570.JPG?7

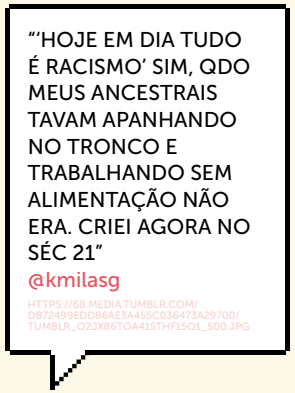
“Você é negra e não sabe sambar?”

Não, nem toda mulher negra tem que saber sambar. Esse é mais um mito criado pelo racismo: OS NEGROS NÃO FORMAM UM POVO HOMOGÊNEO, NÃO SÃO TODOS IGUAIS. Quando você diz que toda negra tem que saber sambar parte de um estereótipo que nega a sua individualidade, da idéia de que ela tem um espaço muito bem demarcado na sociedade – o da festa, da cultura popular, da diversão, do esporte. No entanto, as contribuições dos negros estão em todo lugar, como a ciência e a tecnologia. O samba é, sim, um ritmo símbolo de resistência da cultura negra, mas não está em seu DNA.



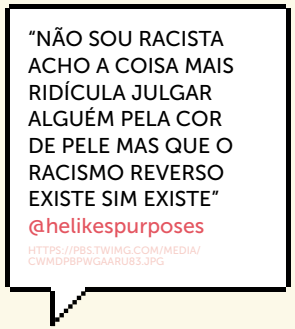
“Hoje tudo é racismo!”

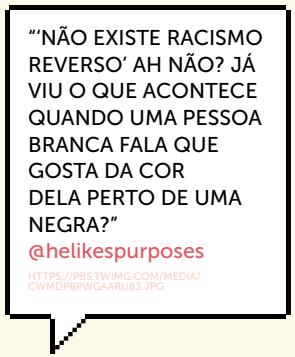
SEMPRE FOI. O Brasil é um país que nasceu marcado pelo racismo. Começou ainda lá no período colonial, século XVI, quando os portugueses partiram para suas colônias no continente africano e trouxeram os negros, à força, para serem usados como mão-de-obra escrava. E assim foi por mais de três séculos, de 1530 a 1888. Durante este período, fomos o país que mais recebeu mão-de-obra escrava no mundo, quase 6 milhões, enquanto os Estados Unidos e o Canadá receberam 400 mil. Fomos o último a abolir a escravidão na América, porém, sem criar qualquer medida ou estrutura que atendesse essa parcela da população, agora livre. O resultado foi um processo brutal de exclusão e genocídio contra os negros. ESSA ESTRUTURA SOCIAL DE PODER É NOSSA HERANÇA ATÉ HOJE E SE PERPETUA PELO RACISMO.



“Sou chamado de branquelo. Também sofro racismo!”

Não, racismo reverso (de negros contra brancos) não existe. Racismo é mais que xingamentos, é um sistema de opressão que nega direitos. Você já deixou de conseguir um emprego por ser branco? Seu salário é menor porque você é branco? Já foi perseguido dentro de uma loja ou supermercado? Você liga a televisão, entra em um restaurante ou na universidade e só vê negros? Seus familiares e amigos são mortos por serem brancos? Certamente não, então o que você sofre não é racismo, mas preconceito. E não, não é legal ofender e xingar ninguém, mas quando você afirma que existe racismo reverso está negando todo um contexto histórico de escravidão, desumanização e opressão das pessoas negras. Em entrevista ao site Alma Preta, a professora da Uerj Janaína Damaceno, doutora em Antropologia Social, explica que acreditar em racismo reverso é acreditar que ele é aceitável. “Quem acredita em racismo inverso crê que há um racismo bom e ideal (o anti-negro) e um racismo mau (anti-branco). Ou seja, não vê o racismo como um mal em si”, afirma.





INTERNET: PROBLEMA X SOLUÇÃO

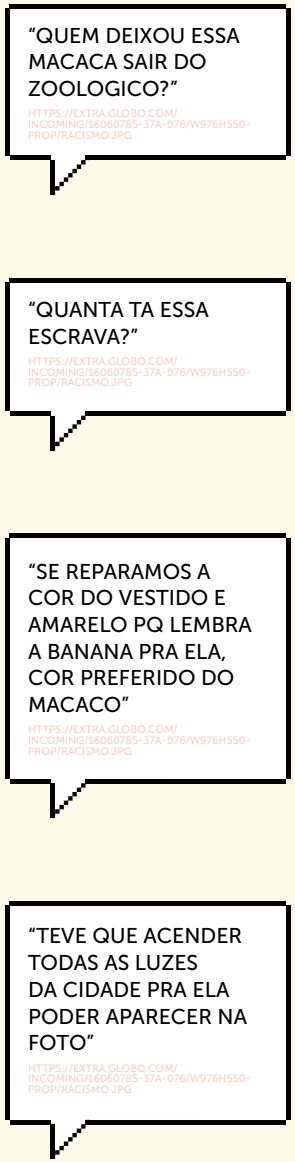
O que é discurso de ódio?

Há alguns anos, a Internet tem sido um dos principais espaços de discussão e articulação dos movimentos sociais, especialmente o movimento negro. É na rede que esses grupos encontram espaço para se comunicar, organizar manifestações e fazer com que as pautas da luta antirracista alcancem milhares de pessoas. Foi com a Internet como aliada, por exemplo, que a luta de mulheres negras pela aceitação do cabelo natural fez, pela primeira vez no Brasil, as buscas no Google por cabelo cacheado superarem as por cabelo liso. No último ano, o interesse por fios encaracolados aumentou 232%. Já as buscas por cabelo afro cresceram em 309% nos últimos dois anos.

Ao mesmo tempo, essas ações acabam por revelar um lado agressivo da Internet, carregado de ofensas e ataques pessoais, o chamado discurso de ódio. Ele se caracteriza pela incitação à discriminação, inferiorização, hostilidade e até mesmo violência e perseguição contra qualquer grupo considerado minoria. Esses discursos se valem de características físicas, etnia, gênero, orientação sexual, origem ou mesmo preferências políticas para desqualificar e violar a vida privada, honra e imagem das pessoa, infringindo um dos fundamentos principais da Constituição Federal, o da dignidade humana.

Segundo dados da ONG SaferNet Brasil, dedicada à defesa dos direitos humanos na Internet, o Brasil cultiva o discurso de ódio principalmente nas redes sociais, como Twitter, Facebook e Instagram. Em 2016, as ofensas dirigidas a mulheres e negros só perderam para as de cunho político. As mensagens de ódio às mulheres – como assédio, pornografia de vingança, incitação ao estupro e outras violências, normalmente disfarçadas de piadas, bateram o número de 49.544 citações, sendo 88% delas com viés intolerante. O racismo teve 17.026 menções, sendo 97,6% negativas.

Esse discurso de ódio, que torna a Internet um lugar violento e hostil para mulheres e pessoas negras, muitas vezes é defendido como liberdade de expressão. Mas manifestar livremente opiniões e ideias não deve, de forma alguma, ferir a honra e a dignidade de uma pessoa ou determinado grupo. NÃO É LIBERDADE DE EXPRESSÃO XINGAR, ASSEDIAR, PERSEGUIR OU MINAR A AUTOESTIMA DE NINGUÉM.



O que é racismo online?

Nada mais é que o reflexo do racismo do dia a dia nas plataformas digitais. Se o racismo é um fenômeno social, é natural que a Internet seja um espaço onde esse fenômeno também se manifeste.

No entanto, a visibilidade e a sensação de anonimato e impunidade que a rede passa aos agressores amplificam e potencializam o racismo na Internet. Segundo indicadores de dados consolidados pela ONG Safernet sobre crimes na web, o Brasil ocupa, atualmente, o terceiro lugar em denúncias por racismo online, atrás apenas dos Estados Unidos e Irlanda. São xingamentos, perseguições e violências que deixam evidentes as marcas de um passado recente de escravidão no Brasil.

PARA AS MULHERES NEGRAS, ISSO TORNA A INTERNET UM AMBIENTE AINDA MAIS PERVERSO PORQUE SILENCIA, ADOECE, OBRIGA, ATÉ MESMO, A MUDAR DE ROTINA E A ESCONDER A IDENTIDADE POR MEDO DE AGRESSÕES.

"SÓ CONSEGUIU EMPREGO NO JN POR CAUSA DAS COTAS, PRETA MACACA"
Ariel Vieira
HTTP://GCN.NET.BR/DIR-ARQUIVO-IMAGEM/IMAGEM-NOTICIA/IMAGES/MAJU%20OFENSA.JPG

"FICA POSTANDO ESSAS FOTO PRETA AI, AII N, DEVERIA ESTAR CORTANDO CANA"
Gustavo Soares
HTTP://WWW.REDEANGOLA.INFO/WP-CONTENT/UPLOADS/2015/11/12063789_499928636845998_6114860931966541984_N.JPG

"NÃO BEBO CAFÉ PRA NÃO TER INTIMIDADE COM PRETO"
Karl Jagger
HTTP://GCN.NET.BR/DIR-ARQUIVO-IMAGEM/IMAGEM-NOTICIA/IMAGES/MAJU%20OFENSA.JPG

"CABELO DE BOMBRIL"
Vitória Pereira
HTTP://WWW.REDEANGOLA.INFO/WP-CONTENT/UPLOADS/2015/11/12063789_499928636845998_6114860931966541984_N.JPG

Mas a Internet também não pode ser uma ferramenta de resistência?

Sem dúvida. Embora a Internet tenha se mostrado um palco perfeito para o racismo, ela também pode ser uma aliada na solução. Em oposição a uma mídia branca que nunca deu espaço para as vozes e demandas da população negra, foi na Internet que o movimento negro, especialmente as mulheres negras, se articulou e ampliou seus debates que ficavam restritos aos espaços privados.

Isso significou a abertura de um caminho para uma série de sites, blogs e canais no Youtube voltados para o público negro e que só aumenta. Mulheres se tornaram não só uma referência para quem procura desde informações sobre transição capilar à empoderamento e feminismo negro como também formam uma rede de depoimentos e apoio, inclusive nos casos de racismo.

Links

BLOGUEIRASNEGRAS.ORG
Criado em 2012, é uma das principais referências de conteúdo produzido por mulheres negras no Brasil.

MUNDONEGRO.INF.BR
Criado pela jornalista Sílvia Nascimento, o MN foi o primeiro portal de notícias para negros do Brasil e está quase 20 anos no ar.

NAOMEKAHLO.COM
Coletivo feminista negro responsável, em 2015, pela campanha #meuamigosecreto, que expôs relatos de mulheres sobre casos de machismo que sofreram.

GELEDES.ORG.BR
Site de uma das das principais organizações que tem como missão combater o racismo, sexismo, a violência contra a mulher e a homofobia.

NOSMULHERESDAPERIFERIA.COM.BR
Coletivo de comunicadores de bairros da periferia do município de São Paulo.

DESABAFOSOCIAL.COM.BR
Criado pela jornalista Monique Evelle, a organização utiliza a comunicação e novas tecnologias para promover Educação em Direitos humanos através de formação e produção de conteúdo.

FACEBOOK.COM/
EUEMPREGADADOMESTICA
Página criada pela rapper Preta Rara, ou Joyce Fernandes, que revela abusos sofridos por domésticas em serviço.

FACEBOOK.COM/
PROGRAMAEMPODERADAS
Web série feita por e sobre mulheres negras.

FACEBOOK.COM/
ENTREVISTEUMNEGRO
Criado pela jornalista Helaine Martins, o EUN é um banco de dados de fontes jornalísticas, todas negras, com o intuito de contribuir para um jornalismo mais diverso e plural.

FACEBOOK.COM/DIJEJES
Espaço de formação e produção de conhecimento, com cursos regulares sobre a mulher negra, para a mulher negra, feito por mulheres negras.

BIT.LY/ESTAREMOSLÁ
Depois de um caso de racismo em shopping paulista, o grupo de amigas criou o canal para mostra que a mulher negra pode e deve ocupar qualquer espaço.

BIT.LY/SOULVAIDOSA
No canal da Xan Ravelli tem de dicas de maquiagem a troca de ideias sobre a solidão da mulher negra.

BIT.LY/PATIAVELINO
Maquiadora profissional, Patrícia Avelino dá dicas especialmente para a pele negra e fala sobre atitudes #bodypositive.

BIT.LY/NATALYNERI
Nátaly Neri e feminista e apaixonada por brechó, costura, moda e faça você mesmo. É dela um dos vídeos mais famosos sobre colorismo que circulam pela Internet.

BIT.LY/GABIOLIVEIRAYT
Criadora do canal DePretas, a carioca Gabi Oliveira se considera uma ativista do empoderamento feminino negro.

COMO DENUNCIAR E SE PROTEGER

Há medidas legais para serem tomadas em casos de racismo?

Sim, racismo, dentro ou fora da Internet, é crime. A lei que define crimes de racismo, e que também é aplicada em casos praticados em ambiente virtual, é a Lei 7.716/1989, mais conhecida como Lei Caó. Considerada inafiançável e imprescritível, ou seja, o agressor pode ser punido muito tempo depois da infração, a lei do racismo prevê penas que variam de um a cinco anos de reclusão, dependendo do caso.

A advogada Laura Astrolábio, especialista em Direito Público, explica que qualquer conduta prevista em cada tipo penal constante na Lei 7.716/89 que for praticada em ambiente virtual pode ser considerada racismo na Internet. “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, por exemplo, são condutas tipificadas como crime na mencionada lei, e não é raro nos depararmos com publicações nesse sentido no ambiente virtual”, explica.

O racismo se caracteriza pela ofensa ou conduta discriminatória dirigida a um grupo ou coletividade. Em geral, sempre impede o exercício de um determinado direito, como impedir o acesso a um estabelecimento comercial. Essa é a principal diferença em relação ao crime de injúria racial, previsto no artigo 140, parágrafo 3º do Código Penal. A injúria ocorre quando há ofensa a uma pessoa determinada, como em casos famosos de jogadores de futebol chamados de macacos pela torcida. Nesse caso, a pena prevista é detenção de um a seis meses ou multa e é possível o pagamento de fiança. “Apesar de inúmeras críticas, esse é o entendimento que prevalece no âmbito jurídico”, salienta Laura Astrolábio.

Como posso denunciar o racismo online?

É do Ministério Público Federal a legitimidade para denunciar ao judiciário o crime de racismo praticado na Internet. Sendo assim, ao tomar conhecimento da prática de crime de racismo no ambiente virtual, qualquer pessoa poderá encaminhar os fatos ao Ministério Público Federal.

1 É IMPORTANTE QUE O ENCAMINHAMENTO SEJA FEITO COM A NARRATIVA DOS FATOS;

2 GUARDE O LINK DA PUBLICAÇÃO RACISTA;

3 GUARDE O LINK DO PERFIL DA PESSOA OU PÁGINA QUE ESCREVEU A PUBLICAÇÃO RACISTA;

4 GUARDE O LINK DAS PESSOAS QUE FIZERAM COMENTÁRIOS RACISTAS NA PUBLICAÇÃO;

5 TIRE E GUARDE OS PRINTS DA PUBLICAÇÃO E DOS PERFIS.

6 NOS CASOS DE ASSÉDIO SEXUAL A MULHERES NEGRAS, TAMBÉM É POSSÍVEL ENQUADRAR NA LEI DE CRIME DE RACISMO. A CAMPANHA #MANDAPRINTS DÁ O PASSO A PASSO DE COMO REGISTRAR A DENÚNCIA THINKOLGA.COM/MANDAPRINTS

O encaminhamento pode ser feito via Internet, através do link MPF.MP.BR/PARA-O-CIDADAO/SAC, ou pessoalmente na sede do MPF.

E como proceder no caso de injúria racial na Internet?

Nesses casos, a advogada Laura Astrolábio orienta que a vítima procure a Defensoria Pública ou uma advogada de sua confiança para que seja devidamente orientada a proceder corretamente no registro de ocorrência na delegacia, ou seja, para que não deixe de observar formalidades que são necessárias para o encaminhamento do caso.

A obtenção de provas, no caso de injúria racial em ambiente virtual, deve ser feita da mesma forma como orientado no caso de direcionamento de denúncia de racismo ao MPF.

AGRADECIMENTOS

Helaine Martins, Marília Filgueiras, Dra. Laura Astrolábio, Samantha Almeida.

BIBLIOGRAFIA

Dennis de Oliveira.
GLOBALIZAÇÃO E RACISMO NO BRASIL
HTTPS://WWW.ALAINET.ORG/IMAGES/GLOBALI_RACI_BR.PDF

Revista Galileu
HTTP://REVISTAGALILEU.GLOBO.COM/REVISTA/NOTICIA/2015/10/VOCE-E-RACISTA-SO-NAO-SABE-DISSO-AINDA.HTML

Portal UOL
HTTPS://ESTILO.UOL.COM.BR/COMPORTAMENTO/NOTICIAS/REDACAO/2017/11/11/NO-BRASIL-SO-INCOMODA-O-RACISMO-DO-OUTRO-DIZ-A-FILOSOFA-DJAMILA-RIBEIRO.HTM

Revista Exame
HTTPS://EXAME.ABRIL.COM.BR/TECNOLOGIA/RACISMO-CAUSA-ANSIEDADE-E-DEPRESSAO-EM-VITIMAS-DIZ-PESQUISA/

Huffpost Brasil
HTTP://WWW.HUFFPOSTBRASIL.COM/2016/07/19/A-CIENCIA-EXPLICA-COMO-O-PRECONCEITO-RACIAL-AFETA-A-SAUDE-DOS-NE_A_21693186/

Alma Preta
HTTP://WWW.ALMAPRETA.COM/EDITORIAS/REALIDADE/POR-QUE-VOCE-DEVE-PARAR-DE-AFIRMAR-QUE-O-RACISMO-REVERSO-EXISTE

PenseSus
WWW.PENSESUS.FIOCRUZ.BR

Dieese
WWW.DIEESE.ORG.BR

IBGE
WWW.IBGE.GOV.BR

Anuário Brasileiro de Segurança Pública
WWW.FORUMSEGURANCA.ORG.BR

ONU – Organização das Nações Unidas no Brasil
WWW.ONU.ORG.BR

Seppir - Secretaria De Políticas De Promoção Da Igualdade Racial
WWW.SEPPIR.GOV.BR

Mapa da Violência
HTTP://WWW.MAPADAVIOLENCIA.ORG.BR

ONG Safernet
HTTP://NEW.SAFERNET.ORG.BR

Infopen (Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias)
HTTP://DADOS.MJ.GOV.BR

CONTEÚDO
FACILITADO POR

AVON